



Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"

24 a 25 de setembro de 2020



Volume XIV, n. 3, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

EIXO 3 - EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E PRÁTICAS EDUCATIVAS

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**

DOI: <https://doi.org/10.29380/2020.14.03.45>

Recebido em: **23/08/2020**

Aprovado em: **25/08/2020**

TRAJETÓRIA DE VIDA E ESCOLAR DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E
CONSERVAÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA; LIFE AND SCHOOL
TRAJECTORY OF CLEANING AND CONSERVATION WORKERS OF A PUBLIC
UNIVERSITY; VIDA Y TRAYECTORIA ESCOLAR DE LOS TRABAJADORES DE
LIMPIEZA Y CONSERVACIÓN DE UNA UNIVERSIDAD PÚBLICA

REINALDO BATISTA DOS SANTOS

<https://orcid.org/0000-0002-7682-9523>

JANINE OLIVEIRA CARDEAL

<https://orcid.org/0000-0002-0556-4812>

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo compreender o enredamento subjetivo marcado nas memórias narrativas escolares expostas pelos trabalhadores de limpeza e conservação, que realizam atividades laborais numa universidade pública federal. Esta pesquisa exploratória apresenta uma abordagem qualitativa acerca das memórias narrativas escolares de seis trabalhadores. Portanto, são nas dobras destas narrativas que se rompe a pretensão de uma linearidade cronológica, para dar vez e visibilidade àqueles que se (re)inventam em suas histórias, ou seja, suas memórias narrativas que esboçam “as astúcias de interesses e de desejos diferentes” (CERTEAU, 1994, p.97), sempre à procura de uma “justiça social” e de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004).

Palavras-chave: Memórias Narrativas escolares. Trabalhadores de Limpeza. Atividades laborais.

ABSTRACT

The present work aims to understand the subjective entanglement marked in the school narrative memories exposed by the cleaning and conservation workers, who perform work activities at a federal public university. This exploratory research presents a qualitative approach about the school narrative memories of six workers. Therefore, it is in the folds of these narratives that the pretension of a chronological linearity is broken, to give time and visibility to those who (re) invent themselves in their stories, that is, their narrative memories that outline “the cunning of different interests and desires” (CERTEAU, 1994, p.97), always looking for “social justice” and “cognitive justice” (SANTOS, 2004).

Keywords: School narrative memories. Cleaning workers. Labor activities.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo comprender el entrelazamiento subjetivo marcado en las memorias narrativas escolares expuestas por los trabajadores de limpieza y conservación, que realizan actividades laborales en una universidad pública federal. Esta investigación exploratoria presenta un enfoque cualitativo sobre las memorias narrativas escolares de seis trabajadores. Por tanto, es en los pliegues de estas narrativas donde se rompe la pretensión de una linealidad cronológica, para dar tiempo y visibilidad a quienes se (re) inventan en sus historias, es decir, en sus memorias narrativas que perfilan “la astucia de diferentes intereses y deseos.” (CERTEAU, 1994, p. 97), buscando siempre la “justicia social” y la “justicia cognitiva” (SANTOS, 2004).

Palabras clave: Memorias narrativas escolares. Trabajadores de limpieza. Actividades laborales.

1. INTRODUÇÃO

Iniciar um texto não é uma tarefa fácil e mais ainda quando é para refletir sobre os trabalhadores de limpeza e conservação de uma Universidade Pública. De qualquer forma, iniciamos este texto na esperança que esses sujeitos ganhem cada vez mais visibilidade na sociedade. Afinal, a esperança aqui não é no sentido de esperar, mas como bem dizia Freire (1998), é no sentido de esperar, de construir, de levantar, esperar é ir atrás, esperar é não desistir. Dessa forma, foram esses os nossos sentimentos frente a busca incessante de dar visibilidades aos sujeitos que sempre estiveram do outro lado da linha (SANTOS, 2010).

Assim, começaremos relatando que essas pessoas que aparentemente se encontram “fora” do processo de escolarização, são sujeitos que fazem parte da Educação de Jovens e Adultos (EJA). A educação de jovens e adultos, no seu sentido *lato*, que inclui a perspectiva da **Educação ao longo da vida**, não diz respeito à EJA apenas como uma modalidade escolar. Ao contrário, ela leva em consideração a educação como um **direito**. E isso tem a ver com a democratização do ensino, garantindo a todos os indivíduos o acesso, com permanência, à Educação (UNESCO, 1997, p.3). Nossa pesquisa coloca em relevo esses sujeitos – trabalhadores barrados em sua trajetória escolar ou com passagens intermitentes pela escola. E aqui estamos falando dos trabalhadores de limpeza e conservação, que realizam suas atividades laborais numa universidade pública federal.

Nossa motivação de pesquisa recaiu sobre esses sujeitos pelo fato de eles exercerem suas funções num ambiente universitário, levando-os a um contato diário com alunos e professores, bem como com inúmeros acervos escolares e culturais que compõem um cotidiano acadêmico – impregnado, muitas vezes, de vozes com um certo tom de “arrogância” sobre o saber. Não raro, nestas instituições enfatizam-se pesquisas que “extrapolam os muros da universidade” esquecendo-se, no entanto, da “própria casa”.

Ao notar que, apesar de serem trabalhadores subalternizados, nenhuma ação acadêmica – ensino, pesquisa e extensão – que constitui o tripé da Universidade – os inclui como sujeitos, tal invisibilidade aguçou nossa curiosidade. Nem mesmo no Centro de Educação, lugar onde se aloja esta pesquisa, identifica-se tal preocupação. Destacamos o campo da Educação, uma vez que nessa área muito se discute, estuda e pesquisa sobre os sujeitos subalternizados, produzindo-se discursos forjados em teorias consideradas emancipatórias. Entretanto, os referidos trabalhadores não se constituem como sujeitos dessas produções acadêmicas desenvolvidas pelos docentes universitários.

Nesse sentido, chama ainda mais atenção a parcela desses trabalhadores, com baixa escolaridade, que desenvolvem suas atividades laborais de limpeza e conservação em instituições universitárias, cuja missão precípua é o ensino, a pesquisa e a extensão. Isso os “obrigam” a uma convivência com diferentes aspectos que fazem parte da rotina de uma instituição universitária. Ou seja, esses trabalhadores têm um cotidiano “partilhado” com professores, alunos, pró-reitores, reitores e demais funcionários, bem como “acesso” a diversos ambientes acadêmicos (salas de aula, salas de pesquisa, laboratórios, bibliotecas, etc.) e também a acervos que compõem o espaço da universidade (livros, esculturas, quadros, cartazes, artefatos tecnológicos e outros).

É, portanto, um ambiente de trabalho que os convoca todo tempo para este lugar do saber e, de modo particular, da cultura. Além disso, o fato de eles trabalharem numa universidade faz com que, de alguma forma, estejam expostos a conversas, a procedimentos próprios de uma instituição de ensino. Esses trabalhadores estão permanentemente nesta zona de contato com atores sociais que representam uma “cultura escolar” – um tipo de cultura que, certamente, faz parte do imaginário da cultura popular (até mesmo para aqueles que não chegaram a frequentar a escola). Em tese, não deixa de ser um convite a lembranças, às suas histórias de vida e a possíveis sonhos não realizados. Estar neste universo universitário – no seu dia a dia – é para esses trabalhadores de limpeza e conservação ter exposta a sua invisibilidade, isto é, ocupar “seu” lugar de subalternidade. Isso porque “aí impera a

lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define” (CERTEAU, 2009, p. 184. Destaques do autor).

Assim, os trabalhadores de limpeza e conservação, embora exerçam suas funções laborais dentro de uma instituição de ensino superior, circulando por diversos espaços – em convivência diária com diferentes intelectuais, pesquisadores, professores e alunos universitários, parecem ficar na opacidade deste cenário acadêmico. Ao trazer as memórias narrativas desses sujeitos, é uma tentativa de dar voz a esses sujeitos. Mais que isso, é tentar desinvisibilizá-los através de suas próprias histórias e de seus saberes-fazer.

Através de observações empíricas das práticas laborais pelos trabalhadores exercidas no dia a dia (limpeza de sala de aula, banheiros, sala de professores, áreas comuns), que levam a uma convivência diária com professores e alunos universitários, fui inquietado por uma (in)visibilidade forjada que se traduz, muitas vezes, em atitudes de indiferença dos que ali circulam – como se a presença deles já estivesse naturalizada e nenhuma curiosidade, tanto afetiva como epistemológica, recaísse sobre essa massa de trabalhadores.

A partir de tais considerações, buscamos compreender o enredamento subjetivo nas memórias narrativas escolares dos trabalhadores de limpeza e conservação, que realizam atividades laborais numa universidade pública. Diante disto, surgiu a seguinte indagação: de que forma o cotidiano universitário, constituído de diferentes práticas acadêmicas e culturais afetam subjetivamente as práticas cotidianas desses trabalhadores de limpeza e conservação, em cujas narrativas ressoam as memórias inscritas em sua(s) história(s) de vida?

Nesse sentido, este artigo está estruturado da seguinte forma: Inicialmente discutiremos os caminhos traçados na pesquisa. Logo após, apresentaremos os trabalhadores de limpeza, assim, trazendo à tona o perfil dos sujeitos que fazem parte deste estudo. Ainda abordaremos as trajetórias de vida e memórias narrativas escolares dos trabalhadores de limpeza e conservação. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

2. CAMINHO METODOLÓGICO REPLETO DE MEMÓRIAS NARRATIVAS

Esta pesquisa exploratória apresenta como uma abordagem qualitativa acerca das memórias narrativas escolares dos trabalhadores de limpeza e conservação. Assim, trazemos metodologicamente os sujeitos como narradores de sua vida e escolar. De acordo com Benjamin (1987),

O narrador é um homem que sabe dar conselhos. Mas, se ‘dar conselhos’ parece hoje algo de antiquado é porque as experiências estão deixando de ser comunicáveis. Em consequência, não podemos dar conselhos nem a nós mesmos nem aos outros (op. cit., p.200. Destaque do autor).

Para que os trabalhadores narrassem sobre sua história de vida e escolar, houve a aplicação de questionários individuais com um total de 16 trabalhadores, bem como a realização de entrevistas com cada um deles. Isso possibilitou fazer um cruzamento de falas para compreender o enredamento subjetivo nas narrativas escolares desses trabalhadores. Essas memórias compõem o *corpus* de nossa pesquisa.

Considerando a especificidade desse trabalho, selecionamos as narrativas escolares apenas de 6 trabalhadores de limpeza e conservação, do universo de 16 sujeitos entrevistados no percurso da pesquisa. A cada encontro uma conversa. A cada encontro uma novidade, uma vez que ao longo desta trajetória foi-se criando uma certa intimidade entre os trabalhadores e o pesquisador. Uma espécie de cumplicidade. Afinal, não foram poucas as caminhadas para localizá-los em diversas

partes do *campus*. Não raro, suas narrativas tinham ares de confissão, de desabafo. Muitas de suas histórias foram narradas enquanto concluíam suas atividades laborais. Como diz Certeau (2004), “Os relatos (...) organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros” (p.185). Assim, da posição de pesquisador, foi possível, neste entrelaçamento de vozes, (re)ver minha própria história e até mesmo minhas (pre)tensões que deixaram marcas no/pelo caminho.

Nesse contexto, é através da busca científica que se dá o reconhecimento de que no objeto nada se esgota. Aprendemos com a pesquisa que, mais do que a resposta, é a pergunta que nos move. Daí que Freire insiste: “Pesquise para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquise para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade” (FREIRE, 1996, p. 32).

Por meio das narrativas, verificamos o número expressivo de trabalhadores, responsáveis pela limpeza e conservação, que circulam pelo *campus* da universidade. O fato de usarem uniformes próprios da empresa, a qual eles são vinculados, faz com que, de certa forma, não se “confundam” com os demais atores sociais que também convivem neste espaço. Notamos assim que esta universidade terceiriza um grande número de trabalhadores, com os quais ela pouco (ou nada) se “envolve”. Certamente, o próprio uniforme que veste os trabalhadores de limpeza os (in)visibiliza.

Nesse sentido, percebemos a importância de se poder, de fato, dar voz àqueles que foram silenciados em seus saberes. Assim, “fala-se deles mais do que eles falam e, quando falam aos dominantes, tendem um discurso emprestado, o que os dominadores usam” (BOURDIEU, 2007, p. 69. Grifos nossos). Trata-se, então, nas tentativas de narrações sobre suas histórias, oferecer escuta e, ainda mais, “de dar voz àqueles cujo discurso foi calado ou teve pouca influência no discurso dominante” (PARANÁ, 1996, p.317).

3. APRESENTANDO OS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO

Vale dizer que do total selecionado para esse trabalho, 3 são do gênero feminino e 3 do gênero masculino. Suas idades variam entre 32 anos, a mínima; e 62 anos, a máxima. A maioria tem origem na zona rural. Chamamos atenção para isso, uma vez que gênero humano e faixa etária são dois aspectos que também demandam muitos desdobramentos de análise, especialmente quando se trata de colocar em destaque os trabalhadores subalternos com baixa escolaridade. Todos eles cumprem na universidade a mesma carga horária de trabalho. Ou seja, trabalham diariamente de 8 às 10h, com 2 horas de descanso.

Manoel[1] tem 56 anos, nasceu no Município de Quebrangulo, interior de Alagoas e, atualmente, mora no bairro Vilage, próximo à Universidade – seu local de trabalho, na cidade de Maceió. Trabalha há mais de 14 anos nesta instituição. O setor no qual Manoel exerce suas atividades de limpeza e conservação é no Centro de Educação (CEDU).

Messias tem 54 anos nasceu no município de Rio Largo, no estado de Alagoas, e atualmente mora num bairro chamado Santos Dumont, que fica próximo à Universidade – na cidade de Maceió. Messias trabalha há mais de 20 anos nesta instituição. Frequentou pouco a escola, somente alguns meses. Messias é o funcionário escalado para fazer a limpeza e conservação do prédio da Reitoria – setor administrativo da universidade. Antes de trabalhar de limpeza nesse local, Messias nos diz que trabalhou como auxiliar de limpeza no centro cirúrgico desta mesma instituição.

Felipe tem 38 anos, nasceu no interior de Alagoas e atualmente mora em Maceió, num bairro próximo à universidade. Felipe chegou a frequentar a escola, inclusive cursou Educação de Jovens e Adultos, mas desistiu devido o trabalho. Seu local de trabalho é na Residência Universitária.

Carlota concluiu o ensino médio, apesar de interromper os estudos na infância devido à distância da sua casa até à escola, pois morava num sítio afastado – em São José da Laje, interior de Alagoas. Sua

idade é 55 anos de idade; atualmente mora próximo à Universidade; e tem o desejo de continuar os estudos. Sua

Isabel é alagoana, tem 31 anos, e mora próximo à Universidade – num bairro chamado Santos Dumont, localizado na cidade de Maceió. Assim, como Carlota, ela também concluiu o ensino médio. E antes de exercer a função de trabalhadora de limpeza e conservação, trabalhou como doméstica. Deixou de estudar na adolescência devido a uma gravidez indesejada, ainda quando cursava o Ensino Fundamental II. Vale dizer que nesta universidade pública Isabel trabalha há mais de 1 ano.

Raquel tem 42 anos, assim como suas companheiras de trabalho mora próximo da Universidade, no bairro Santos Dumont. Nasceu na capital de Alagoas, Maceió. Porém, quando criança foi morar no interior de Alagoas. Concluiu o ensino médio. Realizou alguns cursos profissionalizantes, tais como o curso de Cabeleireira e Informática. Há 3 anos tenta o vestibular. Trabalha nesta instituição pública há mais de 6 anos. Antes de exercer atividades de limpeza e conservação na universidade, ela também trabalhou em usinas, foi telefonista e vendedora de cosméticos.

Vale dizer que ao escutar esses trabalhadores, que falam sobre suas trajetórias de vida, escolar, de seu trabalho, de seu viver e do seu sentir enredados em suas práticas cotidianas, “[...] espero tornar sensíveis aquele fragmento da voz, aquele movimento às vezes rude, áspero, aquele frêmito de uma emoção, de uma lembrança” (CERTEAU, 2009 b, p.226). Espero dar a palavra para que ela a mim retorne não como tradução, mas como um sopro significante, que nos faz ouvir algo singular na “Textura de vozes vivas e verdadeiras que dá densidade a palavras tão comuns” (idem, idem).

4. TRAJETÓRIAS DE VIDA E MEMÓRIAS NARRATIVAS ESCOLARES DOS TRABALHADORES DE LIMPEZA E CONSERVAÇÃO

Os trabalhadores de limpeza e conservação, na posição de subalternizados, são considerados, muitas vezes, como sujeitos destituídos de saberes. Daí que Santos (2010) vai dizer que o pensamento moderno ocidental é abissal. Cria-se uma linha (imaginária) através da qual se estabelece uma divisão radical de conhecimentos. Ou seja, o conhecimento válido ocupa apenas um lado da linha, ficando do outro lado apenas opiniões subjetivas, sem nenhum significado. Linha abissal invisível que expõe a separação que coloca aquele que sabe de um lado; e aquele que não sabe, de outro. Uma separação da qual a sociedade moderna tem se valido para produzir um apagamento da cultura daqueles que, socialmente, são considerados subalternizados, por sua condição econômica e social, uma vez que grande parte desses sujeitos não concluiu o ensino médio. De fato, esses sujeitos parecem que estão sempre do outro lado da linha, pois eles desaparecem enquanto realidade. Nas palavras de Santos,

Do outro lado da linha, não há conhecimento real, existem crenças, opiniões magia, idolatria, entendimentos intuitivos ou subjetivos, que, na melhor das hipóteses, podem torna-se objetos ou matéria-prima para inquirição científica (SANTOS, 2010, p. 34).

A partir de suas narrativas percebemos que esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social. Na verdade, mais do que se retirar da escola, eles foram (e continuam sendo) “eliminados” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes. Relataram o quanto o trabalho intenso na infância e adolescência tornou mais tortuoso o percurso escolar, sobretudo por não terem escolas nas proximidades onde moravam. E isto dificultou o acesso à escola.

Assim, a maioria desses trabalhadores, cuja faixa etária é mais avançada, teve que interromper seus

estudos por inúmeros motivos. Por isso que,

Fundada na ciência moderna, na absolutização do saber formal como única forma de saber e na crença de que cabe à escolarização ‘eivar’ o educando da ‘cultura popular’ à alta cultura, modelo de escola dominante promove inferiorização discriminatória dos diferentes, universalizando particularismos tanto na estruturação do próprio sistema, evidenciando seu comprometimento com o projeto capitalista de progresso através do desenvolvimento ilimitado possível através da melhoria de produtividade pela ampliação de acumulação (OLIVEIRA, p. 83, 2008).

Isso se configura como uma forma de exclusão desses sujeitos do saber cultural escolar. Como adverte Bourdieu e Passeron (2008), a sociedade ocidental capitalista é uma sociedade hierarquizada, constituída segundo uma divisão de poderes extremamente desigual. Dessa forma, o sistema capitalista é um dos maiores causadores dessa desigualdade socioeconômica, tornando os trabalhadores em objetos de seu próprio trabalho.

Nisso, é importante que a escola e a sociedade no geral se preocupem com os seus sujeitos. E isto, certamente, pode evitar o afastamento dos sujeitos-alunos. É preciso que a escola valorize os saberes que os sujeitos trazem para o espaço da sala de aula, se preocupem com a vida. Daí é preciso aceitar a diferença, valorizá-la e, sobretudo, ter o compromisso de assumir uma postura ética e política perante a diferença.

Em relação à história de escolarização dos sujeitos que não concluíram o Ensino Médio, alguns confirmaram em suas narrativas que quase não tiveram acesso à escola. Apenas 2 trabalhadores frequentaram a escola, mas, ainda assim, por poucos meses. Desse modo, um deles relatou:

[...] eu vivi e morei na fazenda com a minha família e lá não tinha escola. Andávamos até nu...correndo nos matos. Nem roupas tinha. Quando eu vi mora aqui já era home, e fui logo trabalhar (MANOEL, 2014).

Como boa parte deles veio da zona rural, a ausência e a distância das escolas foram uma realidade frequente. Ou seja, este cenário colaborou para que os sujeitos continuassem à margem do processo de escolarização. Fica constatado, através de suas narrativas, que não somente esse fato, mas também as precárias condições de vida, motivo esse que os levaram a lutar pela sobrevivência em detrimento dos estudos. É possível constatar tal realidade nesta narrativa de Messias:

Eu estudei, mas estudei pouco...Estudei negocio de 2 mês, 3 mês...foi pouco. Aí sem pai e sem pai me mandei a...me mandei a tlabalhar...Era novo... Meu pai morreu novo. Meu pai morreu eu fiquei com 14 anos, minha mãe morreu eu fiquei com 4 anos. Aí minha madlasta tomou conta de mim...aí depois minha madlasta arrumou um serviço..aí depois as amigas da minha mãe...da minha madlasta morreu tudinho...minha mãe já tinha saído...no dia que ela tinha saído morreu tudinho...aí eu fui e digo (disse) “mãe(madrasta) fica aí que eu vou embora”... ela disse “vai pra onde?” “Vou embora..” . Aí me mandei...até hoje...com 14 anos! (MESSIAS, 2014).

Percebemos o enredamento subjetivo nas memórias narrativas de Messias, vez que ele narra a trajetória de vida e escolar implicada por exclusão, visto que começou a trabalhar desde cedo, aos 14 anos de idade e perdeu sua mãe biológica aos 4 anos de idade. Desse modo, o que observamos que aos 14 anos o trabalhou perdeu seu pai, daí preferiu ir em busca de trabalho, uma vez que morava com a madrasta.

Nesse contexto, tendo o estudo interrompido ainda jovem, muitas vezes retornam em idade mais

avançada para as salas de Educação de Jovens e Adultos (EJA). É o caso de Felipe que relatou que interrompeu os estudos na adolescência e frequentou depois as salas de Educação de Jovens e Adultos: “Estudei Educação de Jovens e Adultos até a 5º e 6º série”. Pelo relato de Felipe, compreendemos que interrompeu seus estudos quando frequentava EJA – cursando apenas até o primeiro segmento.

As narrativas revelaram que essas pessoas sentem vontade de retornar aos estudos, conforme são os relatos de Isabel, Carlota e Raquel. Todas elas possuem o desejo de fazer uma faculdade, um curso superior. Isabel diz, reiteradamente, que pretende dar condições melhores à família: “Ah! Quero entrar na universidade e dar uma condição melhor...pensar no futuro melhor pro meus filhos”. Isso de fato parece ser seu “grande sonho”. Essa trabalhadora, ao trazer o passado até o presente, recria o passado ao mesmo tempo em que se projeta no futuro. Afinal, assim como ela disse pretende “entrar na Universidade”. Mesmo trabalhando neste espaço marcado por uma cultura letrada, ela não se sente “dentro” dele.

Em suas narrativas Isabel narrou que o lugar que mais aprecia é a unidade denominada COPEVE (Comissão Permanente do Vestibular), lugar onde se concentra a administração da burocracia do “vestibular”, ou seja, comissão responsável pela organização do vestibular desta instituição. Assim diz Isabel,

Tenho um sonho...se formar no ensino superior. Para mostrar pro meu pai que eu conseguir!Meu pai nunca acreditou em mim. Porque quando eu terminei o ensino médio engravidei da minha filha. Aí ele disse que minha filha era o meu diploma. Aí eu quero mostrar pra ele que eu...consegui. (ISABEL, 2014).

Algo que nos chamou atenção foi que dos trabalhadores que concluíram o ensino médio, vale relatar que as três são mulheres. Daí que as histórias de vida dessas das trabalhadoras se assemelham, pois elas saíram do interior – lugar em que moravam – para tentar uma vida melhor na “cidade grande” e buscam a todo custo um reconhecimento social, pois se sentem excluídas do ambiente universitário, do espaço no qual elas trabalham:

Geralmente as pessoas acham porque eu trabalho na limpeza e conservação... acha que eu sou analfabeta... “olha num estuda...trabalha na limpeza, limpando banheiro dos... universitários...”. A maioria acha isso ne. (ISABEL, 2014)

Tal como Isabel, a narrativa de Raquel também nos revela como ela se sente excluída e ignorada nessa instituição universitária:

As vezes eu paro e penso e digo: Poxa! Tenho que procurar alguma coisa, porque as vezes a pessoa se sente um pouco assim diminuída e diz : “Eita, tô invisível!” Uma vez eu lembro que a gente foi no jantar de um professor daqui. Aí tava na mesa todo mundo, aí um colega (aluno) disse “e você faz o quê? É de que curso?”. Aí teve uma aluna que disse “não ela é da limpeza!”. Quando ela disse isso eu já sentir da parte dele...assim...como se fosse assim “não...ela é da limpeza!”. Ele nem falou mais. (RAQUEL, 2014)

Esta fala de Raquel nos faz refletir sobre a invisibilização desses sujeitos – muitas vezes ignorados e excluídos por serem trabalhadores de limpeza e conservação. De fato, esses sujeitos tornam-se expostos à invisibilidade dentro de uma universidade, que se propõe a ser o *locus* da produção do

conhecimento. O episódio narrado anteriormente por Raquel foi o que a motivou a dar continuidade aos seus estudos. Mais ainda: impulsionou-lhe à busca de uma justiça social e de uma justiça cognitiva:

Ah, estou tentando entrar aqui na UFAL, mas a média nunca dá. Fico na lista de espera. Tentei uma vez serviço social, foi muito concorrido. E tentei duas vezes para pedagogia, estou na lista...estou esperando. (RAQUEL, 2014)

De uma forma ou de outra, não somente Raquel, mas também Isabel parece inconformada com o seu tipo de trabalho, com a vida subalterna que leva, vez que ela relata: “(...)esse não é o emprego que eu pedi a Deus ne...mas, tá pagando minhas contas...e eu preciso buscar coisas melhores pra minha vida”. Carlota, por sua vez, tem vontade de voltar a estudar e fazer faculdade “tô com vontade de fazer a faculdade a distância. Fui fazer e quase que eu passo em Pedagogia...esse ano que eu fiz. Agora vou fazer o ENEM.” A memória narrativa de Carlota sobre a sua trajetória escolar mostra que seu desejo de estudar foi desde sempre barrado, e isso agora se **confunde** com o seu desejo de frequentar uma faculdade na modalidade a distância (vencendo as possíveis distâncias), vez que as lembranças a remetem às dificuldades de chegar à escola, em virtude de ter morado, à época, num sítio afastado:

Saia do sítio para ir ao outro sítio... Eu repeti a 4ª série duas vezes...porque era distante.Mas, não era porque eu não passava, era porque eu não ia pra aula era distante naquela época eu não ia sair sozinha, senão eu tinha feito duas faculdades...eram porque eu era inteligente, viu! Eu era! (CARLOTA, 2014)

É curioso notar que nestas memórias narrativas misturam-se passado-presente-futuro, marcada pelos termos **escola**, **faculdade** e **distância** – todos agora tecidos por um mesmo discurso e revelando o desejo de prosseguir em seus estudos. Assim como Isabel e Raquel, a trabalhadora Carlota deseja cursar o ensino superior, possivelmente por estar ali cotidianamente envolvida num ambiente universitário.

5. CONSIDERAÇÕES

Através das memórias narrativas escolares dos trabalhadores de limpeza e conservação, é possível perceber os enredamentos subjetivos nelas marcados, revelando que o que é rememorado não é exatamente o que foi vivido, posto que tal rememoração sofre o efeito do que está sendo vivido. Memórias borradas pelas experiências atuais, revelando que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo o que veio antes e depois. [Ou seja], é a reminiscência que prescreve, com rigor, o modo da textura” (BENJAMIN, 1987, p.37).

Portanto, são nas dobras narrativas – onde se **confundem** passado-presente-futuro – que se rompe a linearidade cronológica, dando voz e visibilidade àqueles que se (re)inventam em suas histórias. São as memórias narrativas que esboçam “as astúcias de interesses e de desejos diferentes” (CERTEAU, 1994, p.97), sempre à procura de uma “justiça social” e de uma “justiça cognitiva” (SANTOS, 2004).

Diante disto, indagamos: Como podemos pensar em educação e classe social numa instituição que anseia estar legitimamente a serviço das classes menos favorecidas? Esta é uma questão complexa a si pensar. Mas não impossível. Segundo Bourdieu e Passeron (2008) é importante manter explícita toda esta ação da escola sobre os corpos da classe menos favorecidas, nomeado esta atitude de violência simbólica. Desse modo, o fato da classe popular não se vê naquele espaço, dificulta seu aprendizado.

Nesse sentido, pensar em uma educação para os trabalhadores de limpeza, é pensar em uma educação ao longo da vida, em uma educação para libertação, assim, não podemos deixar de privilegiar o

exercício da reflexão crítica da realidade. É preciso possibilitar não só a leitura da palavra, a leitura do texto. E imprescindível, nesse contexto, a leitura do mundo. Portanto, é preciso escutá-las, e, mais ainda, enxergá-las como sujeitos produtores e portadores de cultura. Assim, não devemos “(...) subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista” (FREIRE, 1992, p.85).

Isso significa que a educação para a libertação não pode deixar de privilegiar o exercício da reflexão crítica da realidade. É preciso possibilitar não só a leitura da palavra, a leitura do texto. E imprescindível, nesse contexto, a leitura do mundo. Talvez, por isso, os trabalhadores de limpeza e conservação se tornem invisibilizados dentro de uma universidade, que se propõe a ser o *locus* da produção do conhecimento – considerando seus atores sociais do mundo acadêmico como uma elite intelectual. Apesar de a academia ter um discurso voltado para as classes subalternizadas e excluídas dos sistemas formativos, é neste próprio espaço que os trabalhadores de limpeza e conservação são, de alguma forma, ignorados.

Esses trabalhadores são, em sua grande maioria, homens e mulheres com histórias de vida marcadas pela interrupção e exclusão escolar, dada à sua condição econômica e social. Na verdade, mais do que se retirar da escola, eles foram (e continuam sendo) “eliminados” do processo de escolarização – negados que são em seus saberes.

Diante dos dados coletados, percebemos o quanto o trabalho intenso do campo tornou mais tortuoso o percurso escolar desses sujeitos-trabalhadores, sobretudo por não terem escolas nas proximidades onde moravam. No caso das mulheres, a gravidez precoce foi também um fator determinante para interrupção dos estudos, justamente na adolescência, ou seja, quando elas ainda cursavam o Ensino Fundamental II.

[1] Os nomes aqui expostos são fictícios. Por questões éticas, preferimos preservar a identidade destes trabalhadores – sujeitos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Editora Brasiliense, 3ª edição, 1987.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução:** elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo.** São Paulo: Vozes, 2007.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** 1: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. **Boaventura & a Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

PLACER, Fernando González. **O outro hoje: uma ausência permanentemente presente.** In: LARROSA, Jorge; SKLIAR, Carlos. **Habitantes de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

SANTOS, B. de S. **Um discurso sobre as ciências.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. **A crítica da razão indolente:** contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. **A Gramática do tempo:** para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez Editora, 2008.

_____. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: SANTOS, Boaventura de Sousa & MENESES, Maria Paula. **Epistemologias do Sul.** São Paulo: Cortez, 2010.

UNESCO. V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos. **Declaração de Hamburgo sobre a Educação de Adultos.** Hamburgo, Alemanha, julho 1997.

[I] DOUTORANDO PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. MESTRADO EM EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA LICENCIATURA TAMBÉM PELA UFAL. INTEGRANTE DO GRUPO DE PESQUISA SOBRE ESTADO, POLÍTICAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO – GEPE.

[II] DOUTORA PELO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS. MESTRADO EM EDUCAÇÃO E PEDAGOGIA LICENCIATURA TAMBÉM PELA UFAL.